

EM BUSCA DE UMA CALIGRAFIA LIVRE

SALVIO JULIANO PEIXOTO FARIAS¹

– Esse menino vai ser desenhista – Sentenciou a tia, ao surpreender o menino reproduzindo numa folha a parte o coelho que ilustrava as provas que ela corrigia. Ele, Ismael Albertino da Mota Teles, tinha uns 8 anos quando a tia o viu terminando as orelhas do coelho, em linha pura e com firmeza no traço.

O desenho se surgiu na infância de Ismael por causa de outro tio, o irmão de sua mãe, arquiteto. “Havia quadros nas paredes e muitas plantas. Meu avô também desenhava. Ele era desenhista técnico-industrial e sempre estava com um lápis na mão e um bloco de papel”.

No entanto, o desenho estava em todas as partes na infância de Ismael: nos gibis da Disney dos primos de Trindade, cujas capas e títulos das historinhas chamavam mais atenção que o próprio texto; nas figuras feitas nas ruas recém pavimentadas do Setor Novo Horizonte, com os vergalhões e os raios de bicicleta de se jogar finca ou com cacos de telha e giz; no tom de voz cômico do tio advogado que adorava novelas e lembrava personagem de cartuns; nos cadernos de caligrafia que moldavam as palavras; no papel de seda das raias, que eram feitas anualmente para serem empinadas nos ventos de agosto.

A letra desenhada sempre teve um lugar de destaque nessa lista. Os cadernos de caligrafia na escola tinha atenção especial da mãe, que dizia que a as pessoas precisam escrever bem para serem bem entendidas. Talvez ela se referisse ao conteúdo da mensagem, mas para o pequeno Ismael, naquele momento, a letra é o que contava. Mesmo assim, ele achava que ficar preso ao rigor das linhas do caderno era “uma coisa ditatorial”.

“Ditatorial” também era o pai, um padeiro, descendente de uma família árabe-hispânica. O pai trazia o garoto sob vigilância cerrada. Não queria que o filho se perdesse na rua. Não funcionou: tanto rigor fez que com que Ismael

¹ FIC/UFG - salvioj@gmail.com

se interessasse especialmente pela rua: era seu grito de liberdade. No começo eram as fugas para correr sobre os muros baixos do bairro, jogar finca e apostar corrida em carinho de rolimã.

“Ele foi muito reprimido e tentou me reprimir. Ele percebeu um espírito de contestação em mim e começou a querer me segurar demais. Ao invés de ele querer conversar comigo sobre a visão negativa dele sobre aquelas manifestações, meu pai simplesmente quis me prender”, lamenta Ismael, que diz ser com os filhos justamente o contrário do que o pai foi com ele: “Tento sempre o diálogo com meus três filhos”.



ISMAEL ALBERTINO: “A ARTE PRECISA SER SENTIDA” (FONTE: SALVIO J. P. FARIAS/2018)

A relação com o pai sempre foi conflituosa. Afetuoso quando bebia, chegava em casa e Ismael era visto como o filho companheiro. “Ele chegava e eu era o DJ dele, eu escolhia as músicas no toca-discos.” Mas, como se tivesse o humor na corda bamba, logo a afetuosidade podia se transformar em violência descontada na mãe, no filho ou na filha mais velha. Em um sopro, a casa ficava de pernas para ar. Aos 14 anos, Ismael não suportou e foi embora.

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

A rua era o espaço onde tudo acontecia: a relação com os amigos, a possibilidade de fugir do controle do pai, a busca pela identidade, o contato com o hip-hop, logo depois o break, e o baile no centro comunitário do bairro ou no centro pastoral da igreja. “Ali tive contato com o primeiro pichador de verdade, o Kazão”, relembra o artista.

Mas os primeiros desenhos sobre uma parede que despertaram sua atenção foram vistos um pouco antes: “Andando de ônibus pelo entorno da praça cívica, vi os primeiros grafites na rua. Eu olhei aquilo, cheguei em casa e comecei a desenhar”, diz ele, referindo-se a grafites feitos ainda na década de 1980, nas paredes do Museu Zoroastro Artiaga.

No Novo Horizonte, restava a cor dos desenhos de telha no asfalto e as frases desenhadas nas paredes e portas do banheiro da escola, em pincel hidrográfico. Mais uma vez, a “caligrafia” atraía o olhar de Ismael. “No Colégio Padrão, a rapaziada usava o pincel atômico, ou escrevia rasgando a parede mesmo, com estilete ou prego”, conta ele.

Ainda na escola, Ismael viu surgir o territorialismo dos grupos de pichadores. E logo depois dessa época, entrou numa jornada de feitos e eventos pesados: morou na rua, utilizou drogas, foi vítima de um acidente de carro que quase o deixou cego, recebeu uma facada nas costas. Caiu em depressão.



EM ENTREVISTA, ISMAEL ALBERTINO NARRA SUA TRAJETÓRIA AOS PROFESSORES ELIANE CHAUD E MARCOS SOARES (FONTE: SALVIO J. P. FARIAS/2018)

A arte e os nascimentos dos filhos o trouxeram de volta. “O fazer artístico passou a ser um escape. Uma escapada para respirar e continuar em frente construtivamente.” Ele conta que se isolou para se recuperar e começou a procurar um desenho original: “O desenhar para mim é uma ferramenta muito particular. Fazer na rua tem que ser sem imitar, sem sugar. Sou de uma geração que isso era muito sério, uma copia poderia virar uma guerra na rua.”

Segundo ele, nessa busca, começou procurar formas novas, como uma nova maneira de registrar o tinha em mente. “Se viesse a ideia de fazer um traço curvilíneo para a esquerda, eu fazia para a direita. Não queria desenhar o que eu já tinha visto ou o que eu vejo. Isso gerou um conflito, mas isso também foi bom para eu lidar com os meus conflitos.”

Ismael resume como recebeu o convite para integrar o time de artistas visuais que executou a primeira fase do Projeto Topofilias, no Pátio das Humanidades, na UFG: “Recebi o projeto para combater uma postura marginal para quem não faz parte da universidade como estudante, mas possui outros intentos.” E complementa: ““A arte precisa ser sentida, mas também precisa ser pensada, acolhida. Essa rapaziada está dormindo, e o sono está profundo”, reflete, sobre a desatenção das em relação à arte.

Nesse espaço, ele fez duas intervenções: Em uma, na entrada interna da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), retratou um dos macacos que habitam os bosques da UFG. E na outra, onde divide a parede com Pirandello, ele apresenta uma composição geométrica em que extrapola a parede e sobe pelas escadas, como uma planta que teima em crescer fora do pergolado em busca o sol. Mais Ismael, impossível.

Nota: Contribuíram na entrevista os professores Eliane Chaud e Marcos Soares.

Recebido em outubro de 2018

Aprovado em dezembro de 2018